

# A ESCOLA PRIMARIA

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	" "	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

— Formaturas

IDEAS E FACTOS

— A Semana Educativa Norte-Americana

Ruy Barbosa..... Desenho

## II. — A ESCOLA

Othello Reis.....	Arithmetica Recreativa
Pedro Deodato de Moraes	Numeros concretizados
Julio Nogueira.....	Erros habituaes de linguagem
Virginia I. Paula Rosa...	Verbo

## III. — LIÇÕES & EXERCICIOS

# FORMATURAS

Pessimo habito, radicado entre nós, e que é necessario desapareça definitivamente, é esse de levarem a formaturas e paradas, incorporadas, as crianças das escolas, cuja presença, porque ellas põem em tudo a álaçre nota dos risos infantis, a frescura de suas vozes e aquella irrequieta mobilidade, com que a todos se communica o bom humor, é sempre cobiçada pelos promotores e organizadores de festas.

Mas tudo que d'ellas se alcança para o brilho das solemnidades é obtido com o sacrificio de sua liberdade e de sua espontaneidade, com o proprio dominio de necessidades organicas imperiosas, e nada pode justificar que para deleite da vista e dos ouvidos dos adultos, para satisfação de seus sentidos, se immolem aquellas mesmas coisas que na criança nos devem merecer maior respeito.

O sacrificio é evidente e não raro é com risco da propria saude que as crianças são levadas a taes exhibições de todo o ponto condemnaveis. Jamais se podem tomar providencias tão completas, que os escolares fiquem assegurados contra a fome, contra a sede, contra o excesso do calor, contra a fadiga physica e psychica.

Quem de nós já não viu, estendidas em forma, cabeça ao sol, nariz á poeira, em desalmadas provas de resistencia somatica e espirital, para gaudio de adultos a quem agradam a justeza do alinhamento, a homogeneidade dos vestuarios, o rythmo dos canticos, essas pobres e indefesas creancinhas, que os paes entregaram confiantes á escola, certo de que lhes velam pela saude?

De celebre festa realizada não faz muito na Quinta da Boa Vista, ainda conservam todos, professores e paes de alumnos, dolorosissima recordação. O que ahí bccorreu não foi excepção: foi a regra, apenas tornado o erro mais patente pelo numero das crianças nesse triste dia convocadas.

Dispositivos de lei, que vedem essa barbaridade, já os possuímos, mas é doloroso confessar que de quando em quando, para satisfazer a algumas vaidades e num injustificavel prurido de exhibição, se deixam de lado as salutaes recomendações não só da lei escripta, mas da pedago-

gia pratica e da consciencia, e as criancinhas lá vão, expostas ao sol ou ás bruscas variações meteorologicas, á fadiga, aos desastres, perdendo inutilmente energias, de que a escola deve ser vigilante guarda.

Reclamamos hoje o cumprimento da lei porque si por occasião de solemnidade annunciada alguém erguer a voz, não faltarão logo os que a attribuem a mesquinhas opposições. Não se projectando actualmente nenhuma solemnidade extraordinaria ou manifestação a quem quer que seja, a nossas palavras não é licito emprestar outro sentido senão o que realmente nellas desejamos vasar.

Durante o lapso de tempo em que em suas mãos ha de estar a direcção do ensino, pode o sr. dr. Carneiro Leão instituir decisivamente o afastamento das crianças de todas as solemnidades fóra do edificio escolar, e com isso terá realizado obra efficiente.

A mais proxima festa a ser realizada é a da Bandeira, em Novembro. Para esta, é costume levarem-se ao paço municipal os alumnos de varias escolas, que, incorporados, guarnecem o pateo do grande edificio, enchendo os ares com os canticos patrioticos ensaiados. Por que não tenta S. S. substituir as criancinhas das escolas primarias por moças da Escola Normal, com as quaes já não são tanto de temer os perigos que ameaçam os pequeninos?

E fiquem para sempre condemnadas as formaturas de crianças nas ruas, em homenagem a quem quer que seja.

E' na paz que se prepara a guerra. Convem meditar agora, quando não ha no horizonte nenhuma glorificação ou manifestação, nos males que dessas exhibições podem advir ás criancinhas que são entregues á escola para que esta lhes aproveite e dirija as energias, e não para que as exponha a perdê-las. O logar do escolar é na escola. Deixemos as formaturas e paradas aos soldados, homens feitos e adextrados á resistencia, e com os quaes, ainda assim, têm os superiores bastantes cuidados, fazendo as revistas e paradas em horas matinaes, desde que o calor augmenta.

## 1- IDÉAS E FACTOS

### A Semana Educativa Norte-americana

Uma das obras que em consciencia julgamos deveriam manusear todos aquelles que se dedicam ao apostolado pedagogico são os *Anales de Instrucción Primaria*, publicação official de nossos caros amigos e vizinhos da Republica Oriental.

Sempre que acaso nos vem ás mãos algum numero do importante periodico, é com verdadeiro prazer que lhe percorremos as paginas, cheias de originaes artigos dos mais acatados mestres das escolas uruguaias, e de noticias habilmente compiladas e referentes ao progresso pedagogico que se vae realizando por todo o globo.

No momento temos sobre a mesa e folheamos o nº 4 do tomo XIX, dado á luz em Abril de 1922, e do qual queremos destacar uma nota, que se nos affigura merecedora de especial commentario. Trata-se da «*Semana Educativa Norte-americana*» e damos a seguir a traducção do interessante topico.

«Os Estados Unidos—o paiz que mais depende em educação e mais interesse por ella tem,—não satisfeitos com os gigantescos esforços realizados nos ultimos annos em beneficio do ensino publico, organizaram em dezembro ultimo uma «Semana educativa norte-americana», especie de cruzada nacional pela educação, cruzada em que tomaram parte desde o Presidente da Republica até o ultimo dos funcionarios ruraes. Eis o manifesto do Presidente Harding lançado com essa intenção :

«Considerando que a educação publica é a base da cidadania e é de primeira importancia para o bem estar da nação, e considerando que mais de cinco milhões de meninos e meninas da America do Norte não gozam as vantagens de nossa escola gratuita e carecem desta primeira

educação, que é essencial para a edificação de uma intelligente cidadania, e considerando que a experiencia da guerra revela que existem vastos nucleos de povoação, que são analphabetos, inaptos physicamente, ou desconhecem os ideaes e as tradições dos Estados Unidos, e que nossa força e segurança futuras dependem em grande parte de sua educação e submissão aos ideaes norte-americanos,

«Eu, Warren G. Harding, Presidente dos Estados Unidos, convido os governadores dos diversos Estados e territorios, a que commemorem as datas de 4 a 10 de Dezembro, inclusive, como «a semana educativa norte-americana», durante a qual são convidados os cidadãos de todos os Estados a prestarem especial e cuidadosa attenção ás necessidades e aos fins das escolas publicas. Recommenda-se particularmente que sejam empregados esforços no sentido de se exprimir praticamente o interesse da communidadade pela educação publica. Para tal fim concitam-se formalmente as organizações de progresso civico e melhoramento social, para que redijam programmas que informem ao povo a respeito das necessidades vitales neste assumpto, o instruem a respeito das deficiencias existentes e chamem sua attenção para os methodos especificos constructivos com que podem ser remediadas nas respectivas communidades.

«Os assumptos educativos estiveram sempre bem junto do coração norte-americano e ao facto de terem sido sempre de grande responsabilidade para as autoridades locais devemos em grande parte a ampla diffusão das facilidades para a educação. Esperamos que um amplo e vigoroso esforço na observancia da «Semana educativa» muito haja de contribuir para accentuar este sentimento de responsabilidade immedi-

ata. Portanto, confiamos que o pulpito, a imprensa, a escola e as reuniões publicas acudirão em apoio deste esforço especial.»

Dos resultados immediatos desta cruzada de nova especie, tão original e tão nobre, não possuímos dados, mas é de crer que occorressem os cidadãos a congregarem seus esforços de conformidade com o desejo tão bem expresso pelo grande homem a cujo descortino estiveram entregues os destinos da republica e que infelizmente poucos mezes depois desaparecia do numero dos vivos, abrindo assim grande ferida no seio da democracia americana.

A ausencia de taes informações não nos pode impedir de formular o voto de que façamos em nosso paiz algo de semelhante. Institua-se a «semana educativa brasileira», sob o alto patrocínio do snr. presidente da Republica; congreguem-se os esforços das autoridades do paiz e de todos os homens de boa vontade, e não teremos duvida que podere-

mos não só despertar o interesse geral e applauso moral para a obra evangelica do ensino, a obra de salvação por excellencia, mas também angariar recursos abundantes, como não os podem fornecer os orçamentos publicos oneradissimos, para construir escolas, dotal-as de material e pessoal, e desenvolver as obras peri-escolares e post-escolares, taes como as caixas escolares, as caixas economicas escolares, os patronatos, as bolsas, as bibliothecas, etc.

Nunca para obra de alcance se recorreu em vão á generosidade do povo brasileiro. Digamo-lhe apenas que se trata da maior, da mais nobilitante das obras de fraternidade e de solidariedade social,—a de educar os nossos irmãos, e desse povo generoso brotarão em caudal os necessarios recursos.

Ao snr. Ministro do Interior, o eminente snr. João Luiz Alves, cabe sem duvida, por estricto direito, encabeçar a propaganda, a que o eminente varão que ora preside aos destinos da republica não recusará seu alto patrocínio.

## DESENHO

### Escola Normal Nacional de Arte Applicada

(Ruy Barbosa)

(continuação)

A França é um dos paizes onde mais se retardou a inauguração do desenho no curso da escola popular. Data dos regulamentos de 16 de fevereiro e 23 de maio de 1865 a organização de classes regulares de desenho em Paris. Essa reforma creou, sob a fiscalização de dois inspectores especiaes e a direcção de mestres habilitados por um diploma particular, duas aulas de desenho por semana, de hora e meia cada uma, em todas as escolas do sexo masculino. Sob esse impulso foi rapido o desenvolvimento. No anno escolar de 1867—68 já 3750 alumnos frequentavam proficua-mente esse curso. De 1870 em diante os progressos assumiram um character notavel: renovaram-se os programmas;

substituiu-se a imagem estampada pelos modelos em relevo; elevou-se de dois a quatro o numero de inspectores; accrescentou-se ás duas aulas regulamentares mais uma, hebdomadariamente, de duas horas e meia, elevando-se assim a cinco e meia horas por semana o tempo dedicado a esse estudo; harmonisaram-se os programmas de desenho linear com os do desenho de arte, impondo-se este a todos os cursos medios e superiores; adicionou-se ao programma do exame para a obtenção do certificado de estudos primarios uma prova de desenho. Em summa, dizia, em 1840, M. Gréard: «O desenho constitue hoje um elemento obrigatorio do ensino primario em Paris.»

Accresca, depois de 1878, a institui-

ção de 49 aulas especiaes de desenho para homens, além de seis aulas livres da mesma especialidade, subvencionadas para este sexo e 20 para o outro. Os homens mais eminentes nestes assumptos sentiam, havia muito, a urgencia da generalisação de semelhante medida ao paiz inteiro. Esta reforma, dizia em 1873 o director das bellas artes no ministerio da instrucção publica, «impõe-se a nós por tantos títulos pelo menos, quanto a que, em 1867, fez obrigatorias a historia e a geographia.» A lei de 28 de março de 1882, art. 10, preencheu esses desejos, admittindo o desenho ao programma obrigatorio da escola popular.

Sabe-se (e já com isto nos occupámos no primeiro parecer) que toda esta *revolução* partiu da Inglaterra. «Depois da batalha decisiva de 1851» (a exposição universal de Londres), escreve Julio Simon, prefaciando os relatorios do jury internacional de 1878, «a Inglaterra, que é uma nação politica, immediatamente comprehendeu que carecia de artistas. Até então combatera exclusivamente por meio indirectos, apoderando-se dos nossos artistas, ou mandando gente sua estudar entre nós. Em 1851, porém, adoptou a resolução de possuir escolas suas. Creou de uma vez a repartição de sciencia e arte e o museu de Kensington. Para isso era mister *dinheiro, muito dinheiro: liberalisou-o*. A fundação de South Kensington importou primitivamente em cerca de *doze mil contos de reis*, e custa annualmente *mais de mil*, tendo-se elevado um anno a *dois mil e quatrocentos*. Referindo-se ao movimento encetado então, um dos relatores do jury na exposição de 1862, consignando os fructos portentosos dessa reforma, dizia: «A Inglaterra tem empregado esforços sobrehumanos; creou uma vasta rede de escolas de desenho, e submetteu-a ao regimen da centralisação administrativa, tão pouco sympathica aos habitos do paiz.» Outro descrevia com assombro «o estabelecimento grandioso, que é como a metrópole dessas instituições», o museu Kensington, que, instituido dez annos antes, por si e pelas suas noventa filiaes, preparara já *mais de cem mil alumnos*. O numero destes, nas escolas subvencionadas e dirigidas pelo *Science and Art Department*, foi:

De 1862 a 1864 (média annual)	96.587
» 1865 a 1867 ( » » )	98.547
» 1868 a 1870 ( » » )	140.170
» 1871 a 1873 ( » » )	221.943
Em 1874.....	290.425
» 1875.....	387.640
» 1876.....	460.961
» 1877.....	549.010
» 1878.....	660.531
» 1879.....	725.129
» 1880.....	768.661

Nesta diffusão do ensino do desenho está o segredo magico dos prodigios obtidos pela Inglaterra, durante estes vinte e cinco annos, na applicação industrial da arte, espantosa conquista, que avulta entre as maiores do imperio britannico.

Nos Estados Unidos foi do Massachusetts que partiu o impulso. Acolhido, de 1827 a 1836, na escola *ingleza* (curso *industrial*, assim denominado em contraposição ao curso classico), como estudo facultativo na classe superior, e mais tarde como disciplina obrigatoria, pouca attenção captou o ensino do desenho até 1853. O relatorio da excursão escolar de Horacio Mann, em 1848, pelos paizes europeus teve, entre outros, o bemfazejo effeito de determinar a admissão desse ensino entre as materias professadas nas *grammar-schools*. Ao instaurar-se a *normal school* de Boston, instituiram-se, bem que ainda mal remunerados, professores especiaes dessa materia, para esse estabelecimento e as *high schools* do sexo feminino. Pela mesma epocha se introduziu *legalmente* entre os exercicios obrigatorios da *primary-school* o desenho em lousas.

Esta providencia legal, porém, só excepcionalmente se executava; affirmando, em 1874, o superintendente escolar do Estado, Mr. Philbrick, que, em 1856, não havia em realidade, no Massachusetts, mais que um começo de desenho em duas *high schools*. Nas *grammar-schools* e nas *primary schools* propriamente não existia. Em 1870 (16 de maio) uma lei do Estado incluia o desenho entre os ramos de instrucção necessariamente integrantes do programma das escolas publicas; assentando, para todas as cidades e communas, a faculdade e, para todas as de mais 10.000 almas, o *dever* de proverem ao ensino gratuito do

desenho industrial ou mechanico a todos os individuos maiores de 15 annos. Em Boston já a esse tempo se praticava o estatuido na primeira dessas disposições. Graças ao Instituto Technologico do Massachusetts, que forneceu mestres e locaes mobiliados, abriram-se para logo, em ampla escala, as classes nocturnas, sob a direcção de oito professores, incumbidos do ensino do desenho á mão livre (*free hand*) e do desenho industrial. Mais tarde se additou o systema com o accrescimo de duas *high schools*, cada uma com o seu professor especial, cujo encargo, além de ensinarem individualmente, cada qual na sua aula, consistia em dirigirem ensino do desenho em cada um dos cinco districtos constituidos pelas *grammar schools*, e habilitarem os mestres ordinarios na maneira de professar o desenho. Entretanto, como Mr. Philbrick attestava em 1874, entrava a firmar-se no espirito de alguns a idéa de «fortalecer *numa fonte estrangeira* o corpo dos mestres de desenho»; e, em 1872, Mr. Walter Smith, *Master of Arts* na escola *ingleza* do South Kensington, recommendado á attenção do mundo artistico pelos seus relatorios acerca da exposição franceza das escolas de desenho em 1864 e 1869; foi incumbido dessa ardua tarefa, na qual revelou os maiores talentos de organizador, e que hoje se póde qualificar de quasi completa. Graças ao desenvolvimento methodico de um plano racional, fundado em longos annos de solida e contínua experiencia, o desenho, em Boston, que, em 1872, contava apenas *cinco* professores, oito annos depois era ensinado por quasi todos os da cidade, isto é, por *mil e quarenta*, d'entre *mil e quarenta e cinco*, a sessenta mil alumnos.

Eis a summa do programma nessas escolas. Na organização do ensino do desenho, as escolas repartem-se em dois grupos: a) ensino primario e geral, abrangendo a escola primaria, a intermedia (*intermediate*), a de grammatica (*grammar school*) e a escola superior; b) ensino secundario e especial, abraçando as escolas normaes, as de desenho, as nocturnas (*free evening schools*), as industriaes e as escolas normaes de arte. Nas *primary schools* (6 grãos) quatro lições, por semana, de 30 minutos cada uma. Nas *grammar-schools* (6 grãos) hora e meia

por semana, divididas em duas lições de quarenta e cinco minutos. O curso, nas escolas dessas duas categorias, começando por simples combinações lineares, passa, mediante a mais rigorosa gradação, á cópia, a olho (ou o mão livre, *free hand*), de desenhos executados na pedra pelo mestre, á execução do desenho dictado ou de desenhos de memoria, ao desenho geometrico e ao desenho por modelos em relevo. Nas *high schools* (3 grãos), duas lições hebdomadariamente, cada um de uma hora; perspectivas angulares, parallelas e obliquas; desenhos de modelos em relevo ou naturaes; sombreados; desenho colorido; harmonia de proporção; desenho applicado.

Em menos de seis annos (1872—1878) os recursos empregados pelo governo para a fundação do ensino do desenho comprehendiam: a instituição de uma commissão central permanente, superintendendo as commissões locaes, encarregadas especialmente de desenvolverem esse ramo de instrucção; o estabelecimento de cursos normaes, obrigatoriamente frequentados pelos professores de ambos os sexos, sob a direcção de 18 mestres especiaes; a redacção de uma serie graduada de programmas, que abrange o curso inteiro; a publicação de manuaes, cadernos, modelos e compendios para as varias aulas; a inauguração de cursos successivos desde o jardim das creanças até á *Normal Art School*.

O exemplo do Massachusetts e especialmente da sua capital propagou-se rapidamente por todas as cidades vizinhas: Lowell, Worcester, Adams, Barre, Chelsea, Hingham, New-Bedford, Newburyport, Peabody, Peru, Pittsfield, Springfield, Seitate, Tanton, Weymouth.

Seguindo as pégadas do Massachusetts, New-York, por uma lei de 14 de maio de 1875, estatuiu o ensino do desenho industrial e á mão livre nas escolas normaes do Estado, nas escolas de todas as cidades, ou, pelo menos n'uma secção (*department*) dellas, isto é, nas *primary schools*, nas *grammar schools*, ou nas *high schools*. Esse acto legislativo foi recebido com o mais sympathico acolhimento da população, como notava o superintendente escolar do Estado, no relatorio de 1878—79. Ensinam alli o desenho, n'algumas escolas, professores

especiaes; noutras, os professores ordinarios (*regular teachers*).

O Rhode Island, que possui, na cidade de Providence, uma escola especial de desenho para a instrução tecnica de artistas (*a Rhode Island School for Design*) estende o ensino dessa disciplina ás creanças maiores de 9 annos, consagrando-lhe, na escola, o espaço de *uma hora por dia*.

A Pensylvania inaugurou, na capital, por occasião do centenario, o seu museu e a sua escola superior de arte industrial (*the Pennsylvania Museum and School of Industrial Art*) modelados pelo *South Kensington Museum and Art School* de Londres. Construido em dois annos, o palacio destinado a esse serviço custou mil contos ao conselho municipal (*city council*) de Philadelphia e dois mil á legislatura do Estado. Já no anno escolar de 1877-78, segundo os documentos officiaes, o desenho era ensinado em *tres mil trezentas e duas* escolas pennsylvanianas. Vae, portanto, summamente adeantada a satisfação dos votos expressados, em 1875, no seu relatório *Education for work*, pelo superintendente Wickersham:

1. Que o desenho industrial se ensinasse em *todas as escolas* do Estado.

2. Que as escolas normaes fossem obrigadas a dedicar mais attenção ao ensino e á educação artistica em geral;

3. Que se creasse, no Estado, uma instituição (*pelo menos*) do genero da grande escola ingleza de arte do *South Kensington*.

No Maine, ha muitos annos tambem que penetrou essa tendencia fecunda. No Maryland o desenho faz parte do programma ordinario das escolas comuns. Vae por seis annos que esse movimento já se generalisava igualmente

pelos Estados do Oeste, reflectindo, em muitos pontos, a imagem das idéas correntes no Massachussets. E' o que, na exposição de 1876, as commissões internacionais observaram em Chicago (Illinois) em Milwaukee, (Wiscousin), em Détroit, Bay City e S. José (Michigan) em S. Luiz (Missouri). Noutras partes cada organização local apresentava seus caracteres peculiares. Assim em Cleveland; assim no Michigan, onde o desenho, ensinado até 1868 unicamente nas *high schools*, como ramo facultativo (*optional*), adquiriu desde esse anno o cunho de estudo geral e obrigatorio, descendendo ás escolas de grammatica e até ás primarias. Em Washington o desenho occupa vasto logar até nas escolas de engeitados e desvalidos (*Neglected children schools*).

Em summa, por toda a parte, na União Americana, «se reconhece que o desenho deve ser *uma lingua universal lida e comprehendida por todos os homens*. sejam de que nacionalidade forem *Todos* os argumentos empregados em demonstrar a utilidade da linguagem, quer como instrumento de uso practico, quer como cultura de espirito, *procedem igualmente em relação ao ensino de desenho*.» «Por instrução em arte industrial,» diz o relatório do Ohio, «não se entende que todos os alumnos se hajam de converter em artistas, mas apenas que em todos cumpre exercer a mão e o olho, até habilital-os a verem a exactidão, e reproduzirem com habilidade as coisas que os interessem. *A faculdade de desenhar encontra-se em todas as creanças. E' uma como inclinação que se trae, e simplesmente carece ser dirigida*.

Eis, pela summa, os factos.

(Continua).

Os preços marcados nas perfumarias expostas na  
"PERFUMARIA A' GARRAFA GRANDE"  
não admittem confronto.

66, Rua Uruguayana, 66 --- RIO

## II. — A ESCOLA

### Arithmetica recreativa

No ultimo numero da interessantissima revista franceza *Je sais tout* está publicado, sob o titulo «Le rire des chiffres», curioso artigo em que se espõem algumas curiosidades mathematicas. São todas bastante conhecidas dos professores da materia, mas nem por isso deixam de merecer que para leitura dos menos versados nesses assumptos, aqui sejam transcriptos. Vamos traduzir, por hoje a historia da venda da casa. «Dupont vende a Lenglué sua casa: «Não vou ser exigente, diz elle, e eis aqui meu preço: Como vê, a escadaria de meu predio tem apenas 26 degrãos. Pois bem, você vae collocar 1 vintem (O original diz 1 centime; fazemos as contas com vintens, para que sejam mais interessante. N. do T.) no primeiro degrão, 2 vintens no segundo, 4 no terceiro, 8 no quarto, e assim por diante até o fim dos 26 degrãos... E' baratinho. — Feito! negocio fechado» exclama Lenglué, encantado com o negocio da China. E começa logo a ascensão da escadaria.

Os primeiros degrãos são galgados sem difficuldade. D'ahi a pouco, porém, já Lenglué vae mais de vagar; parece que se apodera d'elle certa hesitação. Subito, pallido, physionomia demudada, volta-se para o vendedor e mostra-lhe a algibeira vazia... E está apenas no oitavo degrão!! — «Ora, ora! diz Dupont, você me pagará o resto depois; pois comprehendo perfeitamente, meu caro Lenglué, que não tenha comsigo a quantia inteira que me deve, isto é 1.342:177\$260... A amigo como você, aliás, farei abatimento dos 260 reis.

«Aos que leram a *Arithmetique amusante* de Lucas, ou a admiravel *Initiation mathématique* de Laisant, a historia de Lenglué não parecerá extraordinaria. A apostar, entretanto, que a mais de um de nossos leitores, menos versados na sciencia dos numeros, admira ver que estes possuem tambem face tão imprevisita e divertida.»

Lembraremos, como não fez a revista franceza, que se trata apenas de um problema de progressão geometrica.

O termo sommatorio tem por formula:

$$S = \frac{a(q^n - 1)}{q - 1}$$

sendo *a* o primeiro termo; *q* a razão da progressão; *n* o numero de termos.

Para obter, pois, a somma das quantias depositadas nos 26 degrãos, será bastante: tomar a razão, que é 2 no caso considerado, eleva-la á 26ª potencia e subtrahir uma unidade; depois multiplicar pelo primeiro termo, que no caso é 20; dividir tudo por 2-1, ou por 1, o que equivale a não dividir.

Com aquella admiravel formula e um pouco de paciencia, está qualquer leitor habilitado a resolver um problema do mesmo genero.

Com a formula de um termo qualquer e do termo sommatorio da progressão arithmetica tambem podemos obter problemas igualmente interessantes.

A que nos dá um termo qualquer é

$$l = a + (n-1)d$$

e a que nos dá a somma dos *l* primeiros termos:  $s = \frac{a+l}{2} \times n$  sendo *a* o primeiro termo, *n* o numero de termos, e *d* a razão.

Seja para exemplo o seguinte problema: O caixeiro de uma casa commercial, incumbido de arrumar uma vitrina, resolveu armar uma bella pyramide, toda de tubos de dentrificio, d'esse *Kolynos* que os agentes importadores estão distribuindo graciosamente pelos alumnos das escolas.

Terminada a pyramide, verificou que em cima havia 1 tubo; logo abaixo 3, depois 5, depois 7, e assim por diante. Quiz contar os tubos empregados, e poz-se a sommar: 1 + 3 + 5 + 7 + ... Viu, porém, que ia perder muito tempo e desistiu do intento, bem aborrecido. Foi quando appareceu um estudante, que não possuía exame por decreto. Contou as camadas e mostrou ao caixeiro como devia fazer as contas.

Primeiro, calcular *l*, que é o 20º termo da progressão, porque a pyramide tinha 20 camadas:

$$1=1+(20-1)\times 2=1+19\times 2=1+38=39.$$

Tantos deviam ser os tubos da base da pyramide.

Agora, calcular s :

$$s = \frac{1+39}{2} \times 20 = \frac{40}{2} \times 20 = 20 \times 20 = 400$$

O caixeiro gastou 400 tubos. Ou melhor 401, porque o estudante, teve por paga 1 tubo para seu uso.

Faça-se agora o problema imaginando a pyramide com 200 camadas: será um bom exercicio, e ao caixeiro seria quasi impossivel obter directamente a somma.

OTHELLO REIS.

«O»

### Numeros concretizados

Ha um principio pedagogico em que assenta toda a arte de bem ensinar e do qual depende o bom resultado de todo ensino. E' aquelle que diz: *ninguem pode ensinar a outro aquillo que elle mesmo não sabe.*

O professor ensina vagamente aquillo que sabe mal; ensina bem aquillo que sabe bem. Por conseguinte — quanto mais o mestre conhece um assumpto melhor elle ensina a seu discipulo.

Sabendo-o bem, facil lhe será adaptar os conhecimentos a adquirir á capacidade dos alumnos, sem desperdicio de tempo, nunca se esquecendo de que é o que o discipulo faz e não o que o mestre diz que demonstra o exito.

Aprende-se com o esforço proprio da intelligencia e nunca com o esforço alheio, eis uma outra lei.

A alma humana não é machina que se põe em movimento com o auxilio de uma chave de dar corda. O seu progresso é consequencia do seu esforço proprio. O que é preciso é muito exercicio, exercicio bem ordenado e bem graduado. Aprendemos a fazer, fazendo, disse-o já Comenius.

No ensino a creanças nunca devemos nos esquecer de que, ella observa como creança e raciocina como creança em sua condição psychica. E' um serio engano forçal-a a fazer o que ella não

pode fazer com exito. Suas idéas são primarias e não nos poderá comprehender se fugirmos do mundo objectivo.

Qualquer que seja, pois, a disciplina a ensinar, cabe ao bom professor partir do mundo da creança, isto é, do mundo material onde ella vive e tem as suas idéas e dahi subir, vagarosamente, acompanhando o desabrochar das faculdades, ás cousas mais difficeis, ao mundo abstracto.

O ensino da arithmetica deve, naturalmente, começar pelo conhecimento dos numeros objectivos e passando por successivas gradações attingir mais tarde a abstracção.

A linguagem numerica deve ser aprendida por intermedio dos sentidos, fazendo a creança manusear livremente grupos de objectos, como botões, favas, pausinhos, bolinhas, cartões, etc.

Como poderemos dar, então, as primeiras noções de numero a uma creança que entra para a escola pela primeira vez?

Diz-nos a experiencia, adquirida em alguns annos de trabalho escolar, que a maneira mais efficaz é pôr logo o discipulo em contacto directo com o nosso material de ensino.

Assim, reunidos os alumnos em redor de uma meza onde se acham espalhados os differentes objectos com os quaes vamos trabalhar, começamos por verificar, ao justo, qual a capacidade numerica de cada creança, isto é, qual a quantidade que cada uma já conhece.

E' indiscutivel que ella tem já a respeito um conhecimento limitado das quantidades.

Um menino de sete annos, provanos a observação, traz do lar um conhecimento mais ou menos perfeito do numero 4.

Cabe ao professor fazer essa verificação.

Em todas as classes de principiantes deve haver uma meza especial para esse trabalho. Será uma meza de 2<sup>m</sup> x 0<sup>m</sup>90, baixa, com rebordos e forrada de panno oleado.

A classe é dividida em 3 turmas approximadamente de 12 a 15 alumnos cada uma.

Disposta a turma em torno da meza, da qual occupa o centro o professor, cada creança tem, á mão, grupos diffe-

rentes de objectos collocados em pequenas caixas de madeira ou papelão. Uns tem as favas, outros as taboinhas, outros os botões, estes as bolinhas, aquelles as moedas. Ha tambem collecções de quadrados, circulos, triangulos, trapezios, etc., cortados em papel cartão.

Estas collecções e estes grupos não devem conter, a principio, mais do que 10 objectos cada um. Sendo decimal o nosso systema, é justo que não passemos o ensino além desse numero. Quando quizermos ir adiante, tomaremos grupos em duplicata para offerecer ao menino a idéa concretizada do que se quer ensinar.

Começa a lição.

E' preciso conhecer o grau de adiantamento de cada discipulo.

Para isso dividimos o nosso trabalho em 4 phases:

1<sup>a</sup>—Mostrando-lhe collecções de 2, 3 e 4 objectos, pedimos: Dê-me 3 favas, dê-me 4 bolinhas, 2 taboinhas, etc. Esta primeira prova é muito facil e desperta o interesse das creanças.

2<sup>a</sup>—Indicando um grupo de objectos favas, bolinhas, pedimos que nos dê, desse grupo, 2, 3 ou 4 delles. Ha nesta prova um grau acima da precedente, pois não mais mostramos collecções exactas e sim, indicando apenas o grupo, solicitamos um numero determinado de objectos. Naturalmente o esforço mental neste caso é maior que no primeiro.

3<sup>a</sup>—A terceira prova consiste em mostrar um grupo especial de objectos e indagar: Quantas bolinhas, ou quantas favas ou botões estão aqui?

Muito mais difficil é este exame. A atenção do discipulo tem de se fixar no grupo de objecto apresentado e sua intelligencia tem de trabalhar para indicar qual o numero que o grupo representa.

4<sup>a</sup>—Na ultima prova mandamos o discipulo segurar tantos objectos nomeando apenas o numero, sem mostrar esses objectos. Assim, diremos: Dê-me 4 quadrados, 3 taboinhas, 2 botões, 3 favas etc.

Estas provas que poderão durar, no maximo, umas tres aulas de 20 minutos, põe o professor no conhecimento mais ou menos perfeito do cabedal numerico de que dispõe cada menino.

Uma vez senhor deste ponto, passa

o mestre a ensinar os numeros concretamente, distribuindo o seu ensino pelos passos seguintes:

1<sup>o</sup>—Numeros representados por grupos de objectos á vista (phase objectiva). Mostrando grupos de 2 objectos, por ex., dizer: 2 taboinhas mais 2 taboinhas, quantas taboinhas são? 2 lapis mais 2 lapis, quantos lapis são?

2<sup>o</sup>—Numeros representados por cousas ausentes, reaes ou imaginarias (phase semi-concreta). Ex: 2 casas mais 2 casas, são...; 2 dias mais 1 dia, são... 1 dor mais 2 dores, são...

3<sup>o</sup>—Numeros não ligados a nomes de objectos, mas á vista delles (phrase semi-abstracta). Mostrando apenas grupos de objectos, dizer: 2+2 são... 3+1 são... 1+3 são...

4<sup>o</sup>—Numeros não applicados a objectos sensiveis, isto é, numeros abstractos (phase abstracta).

2+2 são... 3+1 são... 1+3 são...

A vantagem de orientar o ensino dos numeros acompanhando estes passos está em subir, na mesma lição e sem a creança sentir, do concreto ao abstracto, passando por duas phases intermediarias e abandonar de vez a descabida e deshumana «taboada», atrophiadora do raciocinio e do brio infantil.

Assim orientados damos as noções dos numeros até 10 e em seguida até 100 por meio de grupos de 10.

A escripta dos algarismos e depois dos numeros se ensina no quadro negro após cada lição oral.

Com um pouco de boa vontade pode se ensinar ainda a principiantes, concretamente, ao mesmo tempo e com a mesma facilidade, os signaes +, —, ×, ÷, bem como 1/2, 1/3, 1/4, etc.

Para fixar bem o ensino das primeiras noções de numeros e para evitar que a creança tenha erronea concepção da quantidade que a escravisa á impotente e imbecil contagem pelos dedos, organisamos uma serie de exercicios a dar:

1<sup>a</sup>—Quantidades iguaes que formam ou que se contêm em um numero. Assim

$$1+1=2 ; 1+1+1+1=4 ; 2+2=4 :$$

$$1+1+1+1+1+1=6 ; 2+2+2=6 ;$$

$$3+3=6, \text{ ou então :}$$

Quantos 1 tem 2?  
 » 2 » 4?  
 » 2 » 6?  
 » 1 » 6?  
 » 3 » 6? etc.

2ª—Partes iguaes de um numero.

Ex:  $1/2$  de  $2=1$ ;  $1/2$  de  $4=2$ ;  
 $1/2$  de  $6=3$ ;  $1/3$  de  $6=2$ ;  $1/4$  de  $4=1$ ,  
 ou então:

Qual é a  $1/2$  de 4?  
 » »  $1/2$  de 6?  
 Quanto é  $1/3$  de 6?  
 » »  $1/4$  de 4?  
 Quantos são  $2/3$  de 6?  
 » »  $2/4$  de 4?  
 » »  $3/4$  de 4? etc.

3ª—Quantidades quaesquer que formam ou que se contêm em um numero. Assim:

$3=1+1+1$   
 $3=1+2$   
 $3=2+1$   
 $4=1+1+1+1$   
 $4=1+2+1$   
 $4=1+1+2$   
 $4=2+1+1$   
 $4=2+2$   
 $4=1+3$   
 $4=3+1$   
 $4=2 \times 2$ , ou então:  
 $4-2=2$   
 $4-3=1$   
 $3-1=2$   
 $3-2=1$   
 $4 \div 2=2$  etc., etc.

Continuaremos.

PEDRO DEODATO DE MORAES

## Erros habituaes de linguagem

Um dos maiores escolhos que embaraçam a feitura de uma prova escripta de portuguez é o emprego das formas de tratamento, inevitaveis em cartas, dialogos e quaesquer composições em que haja discurso directo. Se submettermos todos os erros habitualmente commettidos nessa prova a uma estatística, chegaremos á conclusão de que os decorrentes da desigualdade no jogo dos possessivos e dos pronomes obliquos representam percentagem maxima.

E' curioso esse phenomeno e tanto mais porque só se dá na capital do paiz. Poderíamos até chamar-lhe *carioquismo*. O carioca só muito raramente trata por *tu*; prefere *você*, mas emprega os possessivos e os pronomes indirectos da segunda pessoa. Nenhum dirá, por exemplo: «*Você foste*», porem muitos constroem phrases deste calibre: «*Eu te esperei e você não foi*»; «*Você não foi, mas teu irmão estava lá*» e quejandos desconcertos.

Ora, os professores nos seus cursos e, o que é mais serio, os examinadores de portuguez ainda não aceitam essas construcções illogicas nem é de esperar que mudem de parecer em nossos dias. Cumpre, portanto, corrigir tão viciosa tendencia. Escolhida uma forma de tratamento, dêem-se-lhe os possessivos e os pronomes obliquos correspondentes, como se faz em outras partes do Brasil. Não é admissivel que no Rio de Janeiro, a capital do paiz, falemos peor que pelos Estados.

O mal vem desde o meio linguistico da familia. O menino que entra para a escola primaria já perpetra esses monstruosos solecismos. A professora, salvo honrosas excepções, não os corrige por-

que tambem os pratica. Firma-se na mentalidade do pequeno estudante a convicção de que fala com acerto e é com verdadeira surpresa, senão revolta, que ouve mais tarde a declaração de que aquillo está errado.

Em auxilio dessa tendencia pronunciada veio um excellente aparelho disseminador de taes construcções — o cinematographo, com as suas barbaras legendas, verdadeiros attentados contra a pureza e louçania da lingua. Por que não se estabelece, nesta epoca de censuras, a censura de taes legendas, que andam a semear a mais escandalosa e corrupta syntaxe? E' licito que o cinematographo, que é hoje uma necessidade imprescindivel, ande a destruir as boas lições do ensino?

O que não se pode contestar é que somos um povo que não tem uma forma coherente de tratamento. Causa que equivalha ao *vous* francez, ao *you* inglez, ao *Sie* allemão etc. não ha, pelo menos aqui na capital. Tratamos habitualmente por *você*, a julgar da forma verbal que preferimos, porem usamos concomitantemente os possessivos e os pronomes atonos applicaveis a *tu*.

Eis um artificio didactico que pode ser empregado com resultado: Empregase *você* da mesma forma que *elle* ou *ella*. Assim na phrase: «*Você esteve em nossa casa mas não o recebi e, por isso, agora vou dizer-lhe o motivo para evitar as suas recriminações*» podemos substituir o *você* por *elle*, sem que tenhamos de alterar cousa alguma. Se a phrase fosse com *elle* ninguem decerto diria *te e tuas*. Ora pois, quem não souber accommodar a phrase com *você* que o faça mentalmente com *elle* e tudo correrá bem.

E, que dizer do *si, comsigo*, que as legendas cinematographicas porfiam em empregar erradamente? «*Eu gosto de si*» «*quero ir comsigo*» e outros disparates deste teor se lêem a cada passo. Parece até que as empresas cinematographicas escolhem traductores entre os que mais ultrajam a lingua.

A lição é facil: usam-se as formas *si* e *comsigo* sómente em relação á 3ª. pessoa e quando esta é o sujeito da oração: «*Elle só cuida de si*. (Quem cuida? Elle. De quem? Delle mesmo) «*Ella trouxe a filha comsigo* (Quem trouxe?

Ella. Com quem? Com ella mesma) Em relação á forma *Você*, que, para os effeitos da construcção, é 3ª. pessoa, tambem cabe usar *si, comsigo*: *Você não cogita de si*; *você leve o dinheiro comsigo*. *Dizer, porem*; «*Eu trouxe estas flores para si*; *quero casar comsigo*» etc. é errar crassa e descompassadamente.

A este respeito não estamos sós: Portugal, o berço da lingua, dá-nos o mau exemplo. Mas que isto não nos sirva de pretexto, pois a boa linguagem repelle taes modismos.

JULIO NOGUEIRA

—«O»—

## VERBO

**Noção de pessoa, numero, tempo, modo e voz.**

D. Elza é uma professora esforçada e, apesar de nova na escola em que vem exercendo seu mister, grangeou logo a confiança dos alumnos, pela solicitude com que lhes ministra as lições, esclarecendo-lhes as duvidas, animando-os sempre com a serenidade do gesto e a doçura do conselho. E assim, cercada da admiração das crianças, sente-se feliz, vendo dia a dia crescer na classe o entusiasmo pelo estudo.

Seguindo o exemplo de Helena, a alumna que solicitara a lição dos pronomes pessoaes, outras collegas foram-se animando a pedir esclarecimentos e o fazem agora sem constrangimento, deante da boa vontade com que a professora lh'os ministra.

Desta vez foi Julinha quem confiantemente se dirigiu á professora, pedindo-lhe esclarecimentos sobre a conjugação dos verbos, em que experimentava certas difficuldades. Notando a boa disposição da mestra para satisfazer o pedido, a classe rumorejou de contentamento, ficando logo attenta para ouvir a lição.

D. Elza dirigiu-se então á alumna mais interessada e começou:

—Vamos á nossa lição, Julinha. Que fez você hoje em casa?..

—Lavei-me, estudei, almocei...

—Executou assim, diferentes acções. Quaes foram, Alice?

— A acção de lavar-se, de brincar, de estudar, de almoçar...

— Muito bem... Julinha, venha ao quadro e escreva as palavras: *lavar-se, brincar, estudar, almoçar*.

A menina executou a ordem e a professora tornou:

— Ahi está! Foram essas as diferentes acções praticadas hoje por você. Escreva agora: *João chegou tarde á escola. A filha da vizinha morreu*.

Julinha desempenhou-se desembaraçadamente, e a professora proseguiu:

— As palavras *chegou* e *morreu* exprimem acção praticada por alguém, ou alguma coisa?... Indicam uma acção espontanea, excluída a idéa de movimento; exprimem, pode-se dizer, um facto acontecido a um individuo ou coisa.

A professora explicou depois que essas palavras, de importancia capital no sentido das phrases, chamam-se verbos e que certos verbos como *ficar, estar, ser, viver*... exprimem estados. Disse que o verbo não é uma palavra invariavel: tem muitas e variadas formas; tantas, quantas são as flexões do verbo. Mostrou então que ha no verbo duas partes bem diferentes: a radical e a terminação; que a primeira é fixa e encerra a idéa principal contida no verbo, variando apenas por excepção; que a segunda varia sempre, exprimindo, pelas suas flexões, as relações de tempo, modo, numero e pessoa.

D. Elza, para maior clareza da lição, escreveu no quadro negro as formas: *eu lavo, tu lavas... elles lavam* e, depois de dizer que poderia dispensar os pronomes pessoases, concluiu:

— A forma *lavo*, por si mesma, exprime que sou eu (1ª pessoa do singular); *lavas* mostra que és tu (2ª pessoa do singular)... *lavam* exprime que são elles (3ª pessoa do plural) que praticam a acção expressa pelo verbo *lavar*. E essas variações do verbo que indicam se a acção, o facto ou o estado se refere á primeira, á segunda ou á terceira do singular ou do plural chamam-se: flexão de pessoa ou numero... Maria, diga-me agora você — quantas são as pessoas do verbo?

— São seis.

— Sim, tres do singular e tres do plural: e por isso, ha em cada tempo

verbal seis formas diferentes. Vem, portanto, que as pessoas do verbo são as formas que elle toma para por-se de accordo com as pessoas grammaticaes.

As crianças fizeram um gesto de assentimento, indicando assim que haviam comprehendido; e D. Elza proseguiu:

— Quando digo: *Lavo* meus lenços — ficam vocês sabendo que sou eu quem os lava, mas tambem determino a occasião, o tempo em que executo a acção expressa pelo verbo (tempo presente); se digo, porém; Alice *estudou* bem a lição — affirmo que ella executou a acção de estudar em um tempo passado, em um tempo anterior ao acto da palavra (tempo preterito); se entretanto, eu determinar: *Estudarão* para o proximo dia de aula a Independencia do Brasil — os meus alumnos ficarão sabendo que a acção expressa pelo verbo será praticado depois, futuramente (tempo futuro).

D. Elza salientou que essas variações que indicam o momento, o tempo da acção constituem a flexão de *tempo*; e depois de dizer que os tempos se dividem, quanto á forma, em simples e compostos, estabeleceu a differença existente entre uns e outros, mostrando o papel dos verbos *auxiliares*.

— Mas, prosigamos nas exemplificações. Se eu disser; *Durmo* bem — vocês ficam logo sabendo, de *modo categorico* que sou eu quem dorme. A acção expressa pelo verbo está enunciada de uma maneira *certa*. O mesmo não se observa porém, quando enuncio: *Querem que eu durma*. Neste caso não affirmo que durmo; a acção expressa pelo verbo não é bem certa — é *incerta*. Mas agora dirijo-me a Paulo, dizendo-lhe. *Escreva* sem demora. Que interpretação dará elle á minha phrase?...

Sim, comprehenderá que lhe dou uma ordem. Supponham, porem, que Paulo assim me respondesse: *Escreveria* se tivesse tinta. Ficariam vocês sabendo que o acto de escrever estava *dependente de uma condição*.

A professora reproduziu no quadro negro as phrases acima e poz em evidencia as novas formas do verbo que indicam se a acção é *certa, incerta, dependente de condição, mandada*. Disse que taes variações mostram que a acção, o facto ou o estado expresso pelo verbo pode

dar-se de diversos modos. Enumerou os quatro modos finitos (indicativo, condicional, imperativo e subjunctivo) que exprimem a acção de uma forma limitada e citou o modo *infinito* ou *infinitivo* que enuncia o facto verbal de um modo *vago, indeterminado*. Acrescentou que o infinito se divide em pessoal e impessoal e tem uma outra forma — o *participio*; que a forma typica dos verbos é o presente do infinitivo, caracterizado pelas desinencias: *ar, er, ir, or* e que por ellas se distinguem quatro conjugação. Observou que a quarta conjugação só tem o verbo pôr e seus compostos e que, no antigo portuguez, este verbo pertencia á segunda conjugação, pois tinha a forma *poer*, que contrahiu mais tarde em pôr. Em seguida explicou o quadro abaixo:

### Modos

Indicativo: indica a acção como certa..

Condicional: indica a acção dependente de condição.

Imperativo: indica a acção ordenada, aconselhada, desejada.

Subjunctivo; indica a acção como incerta.

Infinitivo: indica a acção de um modo vago.

Depois de verificar a perfeita comprehensão da materia explicada, chamou um alumno ao quadro e dictou-lhe as phrases: *Pedro vestiu o irmão*.

*Pedro é vestido pelo irmão*.

*Pedro vestiu-se*.

Fez os alumnos observarem que nestas tres phrases o mesmo verbo *vestir* significa uma acção de tres maneirasdiversas: na 1ª o individuo (Pedro) pratica a acção em outro(o irmão); na 2ª o individuo (Pedro) recebe a acção praticada por outro (o irmão); na 3ª o individuo (Pedro)

pratica a acção em si mesmo, pratica e sofre ao mesmo tempo a acção indicada pelo verbo. E esclareceu:

—Essas novas variações do verbo constituem a flexão de voz.

E, para que melhor ficasse gravada a lição, deu a copiar o seguinte quadro:

### Vozes do verbo

Voz activa: indica que um individuo pratica a acção (penteio)

Voz passiva: indica que um individuo sofre a acção (é penteado)

Voz reflexa: indica que um individuo pratica e sofre a acção (penteia-se).

Recapitulando a lição, D. Elza, com a intuição perfeita de que os meios praticos valem mais que as explicações puramente theoricas, multiplicou os exemplos para fazer os alumnos comprehenderem que o verbo toma varias formas para exprimir: 1º se é a 1ª, a 2ª ou a 3ª pessoa do singular ou do plural que pratica a acção; 2º o tempo em que é feita a acção; 3º o modo por que é ella feita; 4º se a acção do verbo é praticada ou soffrida, dahi deduzindo as denominações de: verbos activos, passivos e reflexivos.

E assim, graças a sua qualidade disciplinadora, não caracterizada pela violencia mas antes repassada de brandura, D. Elza, exercendo sobre a classe aquella superioridade que inspira respeito e obediencia, conseguiu que as crianças acompanhassem com interesse a lição em que mais uma vez, se revelou a professora dedicada que, sem desfallecimentos, promove o adiantamento dos alumnos que lhe são confiados.

VIRGINIA I. P. ROSA  
(Da Escola Ramiz Galvão)

**KOLINOS**

O creme dental scientifico antiseptico e germicida.

Produz na bocca uma exquisita sensação de asseio e limpeza que perdura muitas horas depois de tel-o usado.

Chocolate e café Só

**ANDALUZA**

Fabrica— RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

### III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

#### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

3º ANNO

#### Principaes serviços publicos da cidade

SAUDE PUBLICA— Ao Estado, quer dizer, ao governo cumpre assegurar aos cidadãos os meios geraes de defesa contra a doença. Porque si ha molestias que ainda não sabemos evitar, e que sobrevêm com o caracter de fatalidade, molestias que temos de debellar, ou deante das quaes o organismo cede, a verdade é que para o maior numero d'ellas a sciencia nos apparelhou com recursos admiraveis, não só curativos, mas tambem preventivos, o que é muito mais importante.

Basta que nos lembremos do que

verno mantem repartições e pessoal para o fim de ajudar á prophylaxia de certas doenças evitaveis, e tambem para curar aquelles doentes que não podem, baldos que são de recursos, occorrer ao pagamento de medico e remedios.

Vaccinação; serviços de ambulatório especialmente para molestias que concorrem em grande parte para a degeneração physica da raça, hospitaes para clinica geral e cirurgica, eis grandes serviços mantidos pelo governo no interesse da saude do povo.

Mas não é tudo. A alimentação pode traiçoeiramente ser nociva á saude. Si a uma criança dermos leite estragado, estaremos preparando graves desordens intestinaes e quem sabe si a morte da pobrezinha. Si nós mesmos ingerirmos certos generos, que podem estar deteriora-

*Reunindo no seu gremio os futuros cidadãos de todas crenças, e protegendo contra as prevenções reciprocas a fé de uns e de outros, (a escola leiga) incute para sempre na substancia dessas almas, na essencia dessas naturezas em formação a primeira, a mais humana, a mais util de todas as qualidades de uma sociedade civilizada: o respeito á consciencia alheia, o sentimento da liberdade de pensar, a fraternidade, a caridade, a estima, entre os conflictos de opiniões que nos agitam, mas não nos devem desirmanar nem deprimir uns aos olhos dos outros.*

RUY BARBOSA — Parecer

eram antigamente a variola, a febre amarela, o impaludismo. Grassavam as beixigas, dizimando populações e acabava por si a onda malefica, depois de incalculaveis danos. E assim outras entidades mórbidas.

Hoje temos para fazer frente a variola a vacinação. Descoberta por Jenner a imunização do homem pela vacina, pouco haveria comtudo que lucrar si tivéssemos de esperar que cada um espontaneamente fosse em busca da inoculação que salva. Passado o periodo mais agudo dos surtos epidemicos, perde o povo o temor da molestia. Mas o Estado intervem, distribuindo a substancia com que nos imunizamos, e mandamos a casa pessoas competentes, incumbidas de proceder á vacinação.

Assim com outras molestias. O go-

dos sem que o percebamos, si puzermos no estomago certas conservas, a que fabricantes sem escrupulos addicionaram, no intuito de augmentar o tempo de duração, ou melhorar a apparencia, drogas perigosas, corremos tambem o risco de contrahir molestias, de perturbar quem sabe si irremediavelmente as funcções do organismo. Mas o Estado ahi está vigilante, por suas repartições destinadas a fiscalisação do leite e dos demais generos alimenticios.

Todos os dias, por este immenso Districto Federal, como por todo o paiz, medicos e chimicos fiscalizam e examinam generos que vão ser consumidos e os approvam ou condemnam.

Outros por ahi andam, pelas roças, velando para que não sejam contaminadas as aguas com que se irrigam as hor-

taliças, e para que haja fossas sanitarias até nas mais humildes choupanas, pois está verificado que o habito, corrente nos logares atrazados, de se fazerem as dejecções no solo, ao ar livre, é altamente prejudicial á saude dos habitantes, e que á conta de tal uso se pode lançar entre outras entidades nosologicas a opilação tão frequente no interior de nosso paiz.

Grandes despesas exigem, como é natural, os serviços destinados a garantir quanto possivel, a saude do povo. Nós refizemos ha pouco a organização desses serviços e podemos dizer, cheios de justo orgulho, que possuímos em materia de saude publica algumas instituições que não temem confronto com as das mais adeantadas metropoles do mundo. Autoridades estrangeiras de grande merito já nos têm rendido justiça, aos nossos esforços, e o Brasil vae sendo conhecido, no mundo, como paiz adeantado, que não regateia sacrificios em materia de hygiene e de prophylaxia.

Para conseguirmos assim um lugar de realce é necessario que não tenhamos duvidas em fornecer a verdadeira mola com que se obtem hygiene, ensino e quasi tudo: o dinheiro. Nossos serviços custam-nos hoje muito, é verdade, mas porque estamos emprehendendo grandes reformas e instituindo novos serviços. Devemos ter por bem gasto o dinheiro assim empregado, porque sabemos que é bem applicado.

O Brasil era, até uma época relativamente recente, considerado como um dos grandes focos da terrivel molestia denominada «febre amarela». Quantos prejuizos nos causou a pavorosa doença! Periodicamente era o Rio de Janeiro, e com elle muitas outras partes do paiz, devastado pala amarela, que constituia ameaça permanente. Deve-se comprehender que ameaça tão perigosa afastava de nós muitas correntes de immigrants, e profissionaes de valor e homens que nos poderiam trazer capitaes e experiencia. Pois bastou a energia de um homem, amparado cegamente pelo governo, para que desaparecesse do Rio de Janeiro a «amarela». Esse homem foi Oswaldo Cruz.

Aprendam os discipulos a venerar-lhe o nome, pois a elle muito deve a pa-

tria. Quanta injustiça, quanta má vontade teve de soffrer o grande homem a quem a posteridade rende o mais alto preito de admiração e de amor! Mas venceu... A febre amarela já não é endemica no Rio de Janeiro, onde só apparecem casos esporadicos, geralmente importados de outras plagas. Dos demais portos, onde irrompia frequentemente, foi tambem desalojada, e os autores conscienciosos de tratados de pathologia tiveram de riscar o nome do Brasil da lista das regiões infestadas.

Perpetuando o nome do grande apostolo da sciencia, a que devemos o inicio da campanha sanitaria definitiva e efficiente, possuímos um estabelecimento scientifico que honraria a qualquer paiz adeantado: o Instituto Oswaldo Cruz.

E' um grande laboratoris de pesquisas scientificas nos ramos correlatos com a medicina. Ahi se estuda, ahi se fabricam sôros, vaccinas e medicamentos uteis e reputados no seio das classes medicas. Uma pleiade de estudiosos, uns ainda jovens e outros encanecidos no labor, ahi vivem, debruçados sobre o microscopio, ou deante das retortas, dos cadinhos de toda a apparelhagem scientifica, estudando a evolução de taes germens, ou pesquisando as causas de taes manifestações morbidas.

E' uma grande casa, com um grande nome, um grande passado, um grande futuro.

Os serviços relativos á saude publica dependem, em geral, do governo da União. São superintendidos pelo Departamento Nacional de Saude Publica, subordinados ao Ministerio do Interior.

Não podemos tratar da saude publica, sem que nos venha á mente o nosso primoroso serviço de assistencia e prompto soccorro.

E' serviço municipal, um dos que mais honram a administração do Districto Federal. Todos os alumnos bem conhecem essas ambulancias brancas, que atravessam a toda velocidade as ruas e praças da cidade, ao primeiro chamado telephonic, e que vão aos pontos mais remotos levar soccorro ás victimas de accidentes, ou de molestias subitas, e transportal-as para o Posto Central ou para os hospitaes. De estrangeiros im-

parciaes tem a nossa Assistencia Municipal recebido os mais significativos encomios, com que nos devemos sentir todos profundamente desvanecidos.

Ainda a respeito deste paragrapho que hoje tão apagadamente procurámos desenvolver, insistimos em um ponto, que em nosso fraco entender muito ha de ser tido em consideração pelo mestre Nada mais natural do que haver aqui, ali, acolá, certas reservas ou discordancias da parte dos professores. Tal não estará, em consciencia, de accordo com o programma do Departamento Nacional de Saude Publica, ou com o modo pelo qual vae sendo executado; tal outro admittirá reservas aos elogios quasi unanimemente tributados a este serviço, a aquella autoridade. Mas é preciso calar os resentimentos, fazer por esquecer as opiniões pessoas em beneficio da opinião geral. Essas restricções, fundadas em opinião pessoal, nem sempre devidamente isenta de paixões, são manifestações do peor dos males, que pode cor-

roer a alma do homem e a sociedade de que elle é membro,—a intolerancia.

Por intolerancia veremos certos homens arremetterem contra os serviços da saude publica porque não estão bem de accordo com a doutrina official a respeito do bacillo da tuberculose. E assim por deante... Algumas vezes nem base scientifica tem a discordancia: é questão de antipathia, ou de interesses feridos. A pratica da vida não nos está mostrando diariamente os exemplos?

Tenha o professor como objectivo maximo da cultura civica na escola formar o espirito de tolerancia, que só elle conduz a sociedade á harmonia e pode fomentar o progresso. Tolerancia não se ha de pedir apenas em materia religiosa, mas em tudo que se tiver de aprender e de ensinar. Grandes palavras são as que escolhemos para adornar hoje esta pagina, inscriptas no quadro que ao centro della se acha; palavras que merecem meditadas por quantos tem a seu cargo a missão de ensinar.

## HISTORIA E GEOGRAPHIA

### HISTORIA

7º ANNO

*Civilização humana até os Gregos e Romanos; influencia desses dois povos na vida da Humanidade.*

Fale o professor na grandeza da obra divina da Creação e no apparecimento do homem na terra, alludindo ás conjecturas sobre a origem da Humanidade, ao estado de atrazo do homem primitivo e ao incalculavel numero de annos decorridos dessa era antiquissima aos tempos em que se começa a fazer a Historia.

Cite a Biblia, monumento historico onde são relatados numerosos factos e lendas dessa epoca remota em que viveram os Hebreus, Phenicios, Chaldeus,

Assyrios e Egypcios, isto é, os mais antigos povos da antiguidade.

Refira-se ao monotheismo e á moral pura dos Hebreus, pacificos pastores guiados por patriarchas e por prophetas inspirados e de cujos descendentes nasceu o *Christo*, da tribu de Judá;—aos emprehendimentos e navegações dos Phenicios iniciadores das relações de commercio internacional;—ao espirito guerreiro e sanguinario dos Assyrios.

Cite os legados deixados por todos esses povos ás gerações que se lhes seguiram. Os Egypcios levantaram os primeiros monumentos, crearam o primeiro alfabeto, escreveram os primeiros livros, deixaram importantes trabalhos sobre medicina, astronomia, etc., construíram templos colossaes e as pyramides, tumulos de Pharaós, ainda hoje visitados no meio do deserto; povo pacífico e lavrador, preparou com esmero o solo que lhe dava

o sustento farto, e a obra monumental da regularização das cheias do Nilo attesta os grandes conhecimentos de hydraulica que já possuia.

Os Assyrios, cavalleiros deshumanos e conquistadores, dedicaram-se tambem ás artes, sciencias e letras; de sua passagem sobre o planeta deixaram vestigios importantes na construcção de templos e palacios, dos jardins suspensos; cultivaram a astrologia de onde passaram á magia e á astronomia, crearam o systema de pesos e medidas, e fizeram a divisão do tempo.

Os Phenicios, fundadores de muitas colonias no Mediterraneo, deixaram a seus descendentes a arte da navegação e um alfabeto mais simples que o egypcio e que deu origem ao alfabeto grego do qual proveio o nosso.

Referindo-se depois aos Gregos faça notar que muito copiaram elles os Egypcios, cujas leis adoptaram e aperfeiçoaram e que dos Phenicios herdaram a intrepidez e o gosto pelas aventuras.

Saliente a importancia da Grecia na Historia e o alto valor desse povo destacando-se inconfundivelmente nas sciencias, nas artes, na cultura integral do ser humano cujo aperfeiçoamento physico, intellectual e moral procuravam atingir sem cessar.

Cite alguns nomes dos grandes homens gregos, conte alguns feitos heroicos desse povo extraordinario, fale na sua mythologia, na guerra de Troia, em Lycurgo e Sparta, em Pericles e na grandeza de Athenas, nas luctas contra os Persas, em Philipe e Alexandre da Macedonia.

Diga que os Gregos, á imitação dos Phenicios, fundaram colónias nas costas do Mediterraneo e que a fundação de Roma é, pela lenda, attribuida aos descendentes de Enéas, grego que, após a guerra de Troia, aportou ao Lacio.

Conte essa lenda relativa á origem do povo romano que deveria ser o successor e continuador das glorias dos heroicos Gregos.

Fale o professor no esplendor e na grandeza do imperio romano estendendo-se pela Europa, Asia e Africa, nas legiões romanas sempre victoriosas, nos Cesares, no Senado e nas leis de Roma, nos seus grandes oradores, no desenvolvimento das sciencias e artes, copiadas dos Gregos, e finalmente na influencia da civilização

grega sobre a romana, após a conquista da Grecia, cujos melhores filhos, conduzidos a Roma, foram augmentar com o seu elevado patrimonio intellectual e moral, o já valioso cabedal do Imperio dos Cesares.

Alludindo após á decadencia de Roma, dominada pelo luxo e amor aos prazeres, corrupta, impia e má, exalte a pureza e a fé inquebrantavel dos primeiros martyres do Christianismo, sacrificados para diversão ás turbas inconscientes e pervertidas, e torne conhecida a victoria das doutrinas de *Jesus* sobre as consciencias incultas mas não corrompidas dos Barbaros que vencem e dominam os Romanos, destruindo-lhes tudo e tudo modificando.

Saliente a influencia dos Gregos e dos Romanos sobre os outros povos dizendo que, na Grecia, se estabeleceram os principios de sabedoria e da perfeição humana e, embora descubramos nos Gregos, imperfeições sem conta, os seus philosophos e moralistas não cessaram de pregar as mais sãs doutrinas de moral e de lhes indicar uma elevada concepção da vida; Socrates, Platão, Aristoteles, Lycurgo, Diogenes, falaram a seus coevos e essas lições se perpetuaram em preceitos que são repetidos e acatados até hoje; por outro lado, a medicina, a mathematica, a historia, a literatura recolhem ensinamentos proveitosos de origem grega; a estatuaría e a esculptura empenham-se hoje em imitar os bellos e inexcediveis modelos que nos legaram os artistas da velha Grecia.

Todos os povos contemporaneos dos Gregos recolheram fructos de sua civilização e foi sob seu influxo que Roma iniciou e proseguiu a marcha ascendente para a conquista de sua hegemonia.

A parte principal da herança que aos povos actuaes, deixaram os Romanos não é mais do que um aperfeiçoamento do que lhe legaram os Gregos. O que representa realmente um producto original e característico da raça latina é a instituição do *direito romano*.

Essa antiga legislação, que apresenta ainda agora immenso interesse para todos os juriconsultos, exerceu especial influencia sobre o *direito moderno*.

MARIA ALVARENGA.

Rio, 10-XI-923.

## GEOGRAPHIA

4º ANNO

## Technologia geographica

Conforme dissemos no ultimo numero, reservámos o espaço de hoje para nelle nos occuparmos do ensino das «formas geographicas», ou dos «accidentes geographicos» por meio do taboleiro.

Sabe-se que o uso do taboleiro está, pelo menos oficialmente, introduzido nas escolas de S. Paulo. Não podemos assegurar si nellas, principalmente nas que se acham pelo interior, se pratica realmente o ensino da geographia assim materializado, mas acreditamos de boa fé e com desejo de acertar que assim seja.

Entre nós não se acha, infelizmente, generalizado o uso do taboleiro. Já o dissemos: estamos convencidos de que á Directoria de Instrucção corre o inilludível dever de propagal-o, demonstrando-lhe a utilidade, e fornecendo ás escolas o material imprescindível. Pessoalmente temos envidado esforços junto de varios directores, procurando evidenciar as vantagens desse aparelhamento tão singelo e de tão altos resultados. Em programas de ensino, em que officiosamente, por suggestões, temos collaborado, procuramos chamar a attenção para este modo de ensinar os rudimentos da physiographia. Mas sentimos que o resultado tem sido pouco, o que não é, com-tudo, motivo para que desistamos, que isto pelo menos temos aprendido neste já diuturno lidar com os homens e as coisas do ensino: é util que se vão despargindo as idéas sempre e de todas as maneiras. A gravura que é o emblema da reputada casa editora Larousse não nos sãe jamais da memoria, grande symbolo moral que é. *Je sème à tout vent* é a divisa, que deve ser tambem a de to-

dos que lealmente e sem egoisticos interesses de resultados e beneficios pessoasos trabalham pelo ensino.

Melhor do que poderíamos tratar, dizem o que é preciso a respeito do taboleiro as linhas que abaixo vão transcriptas. São do folheto intitulado *The Reproduction of Geographical Forms*, por J. W. Redway, editores D. C. Heath & Co., Boston 1909.

Como a lingua ingleza é (mysterios de ensino!) inteiramente desconhecida da quasi totalidade dos membros do magisterio primario (só do primario?), que com ignoral-a perdem o instrumento necessario á aquisição de muitas novidades, vamos traduzir todo o capitulo, lamentando que as dimensões desta nossa revista não comportem a traducção de todo o folheto.

*O Taboleiro de Modelar.* Afim de obviar a esses inconvenientes (o autor referia-se antes aos mappas desenhados, a que falta a terceira dimensão), tornou-se nos ultimos annos importante auxiliar da arte da escola o taboleiro de moldar. Este apetrecho consta essencialmente de uma cuba de 4 pés por 3, e de cerca de duas pollegadas de profundidade. Deve ser preso a uma mesa de 30 pollegadas de altura, de maneira que se possa inclinar de qualquer angulo. A parte inferior da mesa deve estar presa numa caixa forrada de zinco, ou uma gaveta, para conter a areia. Areia de moldar, da que se usa nas fundições de ferro, é o que ha de melhor para o fim que se deseja, mas qualquer areia limpa servirá. A areia de moldar é por si mesma mais ou menos cohesiva: a areia branca commum precisa de ser humedecida. Recommendação absoluta: a areia deve estar sempre perfeitamente coberta quando não em uso, e ser peneirada no momento de se utilizar.

O taboleiro é primariamente para uso do professor. Elle representa para o estudo das formas de relevo o mesmo

que o quadro negro para o dos contornos e superficies. Para ser efficiente, o trabalho deve ser executado rapidamente e com habilidade. Exige principalmente pratica e cuidadoso preparo. Nenhum professor pode pretender reproduzir no taboleiro uma forma, sem perfeito conhecimento da estructura e dos aspectos que aquella forma particular exemplifica; nenhum pode esperar tão pouco reproduzir sem longa pratica qualquer forma. Sem conhecimento do assumpto a ser estudado, todas as tentativas não só naufragarão, mas ainda serão nocivas aos alumnos. E' evidente que para ser de vantagem positiva a lição do professor deve ser reproduzida pelo alumno. A perfeita comprehensão do relevo só pode ser adquirida pelo estudo das formas typicas de relevo, guiado pelo sentido do tacto; ninguem chega jamais a ser bastante velho ou bastante sabio para dispensar de todo a terceira dimensão. Relativamente ao valor das formas de relevo, como eram os modelos dos continentes, escreve ao autor o que é talvez o mais conhecido dos cientistas vivos (Professor John Tyndall): «Seus mappas-relevo deram-me da relação das montanhas com os continentes em que se encontram, uma concepção mais clara do que a que eu antes possuia». Si esta é a experiencia de um estudioso, treinado durante annos no mais delicado emprego das faculdades perceptivas, certamente o methodo ha de ser importantissimo para desenvolver as faculdades da criança.

Com as crianças de mais tenra idade, exige o uso do taboleiro de modelar a mais acurada attenção da parte do professor. Tentar um curso systematico conforme se suggere na seguinte lista de typos seria não só pouco intelligente, mas de nenhum resultado pratico. Só as mais simples formas do relevo da região podem ser emprehendidos com segurança — as collinas, os valles, as grótas e os cursos d'agua. Ademais, essas coisas devem ser ensinadas não tanto por si mesmas, senão no intuito de se preparar o discipulo para o que tem de aprender depois. A lagoazinha é um modelo de um lago consideravel, ou até do oceano. O regato não é mais que o rio em miniatura. Qualquer linha de elevações, regularmente longa fornecerá uma lição de coisas, de que se possa estudar a cordilheira. Como se suggeriu no capitulo anterior, o estudo da forma, como apparece na natureza, deve ser logo seguido de sua reproducção pelo alumno. Para este fim, o taboleiro de carteira escolar, introduzido ha alguns annos pelo Professor Frye, prestará excellentes serviços. Consta essencialmente de uma cuba rasa, feita de latão ou de lamina fina de ferro, de cerca de 20 pollegadas por 14, com um bordo de cerca de meia pollegada de altura.»

Daremos no proximo numero a continuação do interessante capitulo.

OTHELLO REIS.

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças  
e para Casa

ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E  
ENXOVAES PARA COLLEGIAES

**KOLYNOS** O creme dental scientifico antiseptico e germicida.  
Branquea os dentes e fortalece as gengivas.

## LINGUA MATERNA

## 1.º ANNO

## Os exames

Novembro, calor ardente,  
Vem Dezembro anunciar,  
O mês das festas ridentes,  
Das férias que vão chegar.

Cantam cigarras nos galhos,  
Passam besouros no ar  
E as crianças na escola  
Seus exames vão prestar.

Recitam versos bonitos,  
Escrevem sabem falar,  
Na leitura são correctos  
Ligeiros em calcular,

Cantam hymnos de alegria  
A Patria mostram amar  
Beijam risonhos a mestra,  
Felizes vão descançar.

## Abelha e flor

Uma abelha pequenina  
Perseguiu linda flor;  
Em zumbidos e volteios  
Aspirava-lhe o odor.

A florinha é amarella  
Mimosa, fresca, louçã,  
Tem cinco petalas apenas  
Desabrochou de manhã.

Um pó fininho, dourado,  
Mimoso, encantador  
E o doce nectar cheiroso  
Tem no seio a linda flor.

Lá entra o insecto zumbindo  
E sae depois vencedor,  
Nas asas finas levando  
O mel e o pollem da flor.

NOTA—As crianças aprenderão facilmente uma quadrinha por dia e no fim da semana toda a classe recitará a poesia

variando, está bem visto, com outras anteriormente estudadas.

E' mister, entretanto, que o assumpto dessas pequenas composições seja antes explicado: a 1ª em palestra capaz de provocar e dirigir a observação dos pequenitos para o que se passa presentemente na natureza, na escola e na propria classe; e a 2ª em agradável lição de cousas com o soccorro de gravuras ou de objectos naturaes.

## 2º ANNO

SUBSTITUIR OS TRAÇOS PELAS PALAVRAS CONVENIENTES

O lavrador — a terra. Para lavrar a — o — emprega o arado. O — é um instrumento feito de ferro. O lavrador gosta da — para humidecer a — e molhar as —. O calor muito forte queima as —. O lavrador acorda cedo para tratar de suas —. Umas — nascem de —, outras de galho. Cafezal é uma — de café. As — do cafeeiro são lustrosas. Os — do café quando estão — são vermelhos. Em S. Paulo ha grandes — de café. A — do café enriquece os lavradores.

NOTA—Este exercicio dará ensejo a uma lição de cousas que deverá precede-lo, illustrada com gravuras, fornecendo ás crianças ligeira noção dos trabalhos da lavoura. Familiarizadas durante a palestra, com os vocabulos — plantação, lavoura, fazenda, poderão variar a substituição dos traços o que será de grande vantagem para a classe.

Ainda este exercicio dará occasião a outro trabalho escripto de composição com elementos dados. Escolhidas as palavras—café, cafezal, lavoura, lavrador, mande a professora compôr phrases e verá como os pequenitos saberão faze-las concatenadas, significativas do interesse que a sua lição de cousas lhes despertára pelos trabalhos do campo.

## 3º ANNO

Narração — A CONSCIENCIA

Chiquito perdera os paes muito cedo e fizera-se vendedor de jornaes para alli-

viar o pobre velho que, por piedade, o recolhera.

Tinha dez annos e apregoava os jornaes com tanto geito, que a freguezia o preferia a qualquer outro.

Na parada do bonde, todas as manhãs era certo ouvi-lo:

«Jornal, Gazeta, Paiz», e os tostões cantavam na sua bolsa já surrada.

Chiquito conhecia bem os freguezes de os ver chegar todos os dias e sabia mesmo onde muitos trabalhavam.

Uma vez o bonde viera atrasado e um cavalleiro que sempre lhe comprava a Gazeta, saltou tão apressado, que, sem ver, deixou cair sua carteira.

Não lhe tomou o jornal e seguiu sem se voltar.

Chiquito apanhou a carteira que vira cair, mas o dono havia desaparecido, como todos os mais que saltaram.

Elle estava só. Abriu-a e sentiu-a pesada de notas de quinhentos mil reis.

Ficou deslumbrado e pensou que achára uma fortuna.

Agóra; sim, não venderia mais jornaes, e vestiria roupas bonitas como os outros meninos, pois era rico, tinha uma carteira cheia de dinheiro.

Mas de subito uma luz divina illuminou seu pensamento.

Chiquito comprehendeu que uma voz interior lhe dizia assim: «Tu és pobre, mas és feliz. Si ficares com este dinheiro que te não pertence, nunca mais te lavarás da mancha de um crime».

O rapazinho, obedecendo á voz de sua consciencia, procurou o cavalleiro e entregou-lhe a carteira com todo o dinheiro.

NOTA— A professora levará seus alumnos á comprehensão de que o individuo não é infeliz pelo facto de ser pobre e viver á custa de seu trabalho. Não lhe falte a saúde do corpo e da alma e o homem é ditoso, sendo rico ou pobre. O trabalho é intretenimento indispensavel ao corpo; e a transparencia de uma consciencia, a condição primordial da tranquillidade do espirito. Muito propositadamente, este conto não apresenta, por parte do dono da carteira nenhuma recompensa ao rapazinho. As crianças sentirão isso e a professora terá opportuni-

dade de explicar-lhes que a melhor recompensa do acto de Chiquito foi a satisfação de sua consciencia.

EMPREGAR NO PRESENTE OS VERBOS USADOS NAS SEGUINTES PHRASES:

A primavera durou tres meses e esmaltou os campos de flores. As aguas do rio correram depressa e arrastaram grandes madeiros. As flores desabrocharam pela manhã e duraram somente até o pôr do sol. As petalas cahiram na agua e deslisaram pela corrente. As aguas desceram cobertas de flores. Um beija-flor pousou numa petala de rosa e fez della seu barquinho. A petalazinha párou junto á margem. A avezinha voou e beijou uma bonina. A haste da florinha vergou e tocou a relva. Lindos insectos voaram no ar. Vi borboletas de muitas cores, mas não preendi nenhuma.

## 4º ANNO

*Carta de felicitações a uma amiga que foi premiada num concurso de linguagem, offerecendo-lhe uma braçada de flores colhidas no vosso jardim.*

## DIRECÇÃO

Referindo-vos ao gosto de vossa amiga pelas letras, dizei a extensão do prazer que sentistes em sabe-la cultora da lingua patria.

Externae vossa opinião a respeito do dever patriotico de todo brasileiro de defender o idioma nacional estudando-o nos seus menores detalhes, não só para conhece-lo e conserval-o puro, mas tambem para poder passa-lo ás gerações vindouras como o recebeu de seus antepassados. Dizei quão harmoniosa e bella vos parece essa linguagem transparente que falaram vossos avós, que ouvistes ao nascerdes embalando o vosso berço. essa linguagem que canta sonorissima em vossos folguedos infantis.

Lembrae que o mais seguro vinculo que une os individuos da mesma patria eternizando o sentimento de nacionalidade, é o idioma nacional. Felicite ainda vossa amiga pela natureza do premio que lhe coube—um livro de autor nacio-

nal conhecido e celebrizado, um primor de linguagem.

Falae do que vistes ou ouvistes dizer das provas de vossa amiga no curso. Não esqueçaes a surpresa que vos causaram o desembaraço, a calma, a graciosa expressão e a sonoridade de voz com que vossa amiga se desempenhou na leitura do trecho que lhe destinou a sorte.

Terminae falando nas flores que lhe enviaes, plantadas, cultivadas e colhidas por vós, e escolhidas porque, só ellas, na sua mimosa poesia, podem traduzir a delicadeza de vossos sentimentos de admiração.

Isabel Mendes

5º ANNO

CARTA A UM MEDICO

A alumna manda pagar ao medico a conta que elle apresentou, no valor de...

Dizer que se sente feliz pelo facto de poder saldar essa divida, mas tanto ella como os paes e irmãos continuam devedores do medico, em reconhecimento pelos bons serviços por elle prestados ao doente que lhes é tão caro.

Mamãe pede licença para remetter-lhe um cesto de ovos bem frescos, modesta lembrança mas muito significativa.

Offerecer seus serviços e os de seus paes, ainda que de nenhum valor.

Despedida respeitosa e ao mesmo tempo reconhecida.

DICTADO

A Galliléa é um paiz verdejante, coberto de sombra e sorridente; durante os mezes de Março e Abril, o campo é um tapete de flores de incomparável abundancia de cores.

O canto dos passarinhos tem ahi uma suavidade encantadora: os melros azues são tão leves que, quando pousam numa haste delgada, não a curvam e as calhandras são tão mansas que quasi se collocam aos pés dos viajantes.

A Galliléa não tinha grandes cidades; no entanto, o paiz era muito po-

voado, coberto de pequenas villas e aldeias e cultivado com arte em todas as suas partes.

Pelas ruinas que restam de seu antigo esplendor percebe-se um povo agricola, inimigo do luxo, indifferente ás belezas da fórma.

O campo abundava em aguas frescas e em fructos; fazendas enormes cobriam-se de vinhas e figueiras e os jardins eram massiços de macieira e nogueiras.

QUESTIONARIO

Em que sentido está empregado o adjectivo «sorridente»?

«Sorridente» significa, neste caso de aspecto alegre.

Explique o sentido da palavra «sombra».

Sombra é uma parte não illuminada; onde o sol não penetra francamente por causa da folhagem das arvores.

Dê os verbos derivados da palavra «verde».

Verdejar, esverdear.

Quaes as palavras da familia de «povo»?

Povoar, povoamento, povoação, povoado, população, popular, popularizar, popularização.

Decomponha a palavra «enorme» e dê-lhe o sentido proprio.

Enorme se decompõe em «e+norme»; e significa *fóra de* e *norme* ou *norma* quer dizer *regra*; essa palavra quer, pois, dizer: que excede toda regra, toda medida, em tamanho ou quantidade.

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Um artista distrahido

Um celebre pintor trabalhava num dos quadros que ornava a abobada da igreja de S. Paulo de Londres.

Com o pensamento inteiramente absorvido pelo trabalho, esquece a posição em que está, a elevação em que se acha, o diminuto espaço em que trabalha, e recúa de alguns passos para melhor gozar do effeito de sua obra.

Assim distrahido alcança a extremidade do cadafalso; ainda um passo em falso e irá bater nos ladrilhos da nave, muitos metros abaixo!

Um pedreiro que com elle estava, viu a imminencia da perigo, quando já era tarde: que fazer?

Chamar o pintor, avisal-o?

Absorto na contemplação de sua obra, não o escutaria.

Encaminhar-se para elle e detel-o? Impossivel!

Por uma subita inspiração mais rapida que o pensamento toma o pedreiro um pincel e com elle brocha a mais bella parte da obra—prima.

Furioso atira-se o artista sobre o pedreiro que lhe diz satisfeito:

Bata-me, o Senhor está salvo; livreiro de morte horrivel».

O pintor suspende attonito o braço

E duas palavras de explicação transformam a colera do senhor em vivo reconhecimento.

EXERCICIO GRAMMATICAL

O infinitivo, o particípio presente e o particípio passado tomam o nome de *fôrmas nominaes* do verbo porque dão origem a substantivos; ex.: o jantar, o prazer, o multiplicando, o protestante, a calçada, o cercado etc.

Assim sendo, formar substantivos derivados dos seguintes verbos, pondo-os no particípio presente: examinar, doutorar, dividir, subtrahir, commandar, emigrar, graduar, combater, ruminar, crescer, sitiatar, assaltar, pôr, verter e habitar.

II Formar substantivos derivados dos verbos seguintes, pondo-os no particípio passado, precedidos de um determinativo: alliar, cercar, produzir, partir, traçar, calçar, assar, enforçar, receber, naufragar, cuidar; chamar, parar, empregar, mandar dictar e chegar.

III Mencionar o alumno dez infinitos empregados como substantivos, precedendo-os de um determinativo.

6º ANNO

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Carta. Vera escreve a sua irmã Thereza que está como aprendiz de costureira na cidade.

Logar e data. Dizer que a carta de Thereza causou grande prazer em casa, comquanto tenha augmentado as saudades. Pedir a irmã que continue a prestar

todos os serviços que puder, além de seu trabalho de costuras; que acceite com docilidade as observações e até as censuras.— Vera também sente muito não poder passar os dias, como outrora, ao lado da irmã, mas procura consolar-se sabendo que esta se adianta rapidamente e que, tornando-se habil costureira, poderá trabalhar por conta propria perto da familia.

Trabalho não lhe faltará.

Dá noticias dos de casa e despede-se affectuosamente.

EXERCICIO GRAMMATICAL

Classificar as palavras seguintes duas a duas, tres a tres de modo a reunir os que são synonymos:

Homem, decencia, supposição, precipicio, pudor, vergonha, mortal, soldado, caminho, amizade, sabio, voluptuosidade, franqueza, trajecto, morar, abysmo, guerreiro, affeição, thesouro, heroe, habitar, sabre, victoria, triumpho, riqueza, residir perennemente, espada, bravo, justiça, estandarte, affeição, constantemente, prazer, hypothese, timidez, montanha, philosopho, bandeira, conjectura, delicias, espada, equidade, palacio, lealdade, covardia, monte, castello, poltronice.

DESENVOLVIMENTO

Homem, mortal, Decencia, pudor. Supposição, hypothese, conjectura. Vergonha, timidez. Soldado, guerreiro. Caminho, trajecto. Amizade, affeição. Sabio philosopho. Voluptuosidade, prazer, delicias. Franqueza, lealdade. Morar, habitar, residir. Sabre, espada. Victoria, triumpho. Abysmo, precipicio. Riqueza, thesouro. Heroe, bravo. Perennemente, constantemente. Justiça, equidade. Estandarte, bandeira. Montanha, monte. Palacio, castello. Covardia, poltronice.

III

EXERCICIO DE REDACÇÃO

A igreja da aldeia (Tr.)

SUMMARIO—Tratar do effeito longinguo da aldeia, com seu campanario

## 7º ANNO

## EXERCICIO DE REDACÇÃO

## Carta pedindo emprego

SUMMARIO—A alumna deseja trabalhar numa casa commercial como empregada de escripturação, ou em outro cargo. Escrever a gerente da casa mostrando as habilitações que tem, assim como os trabalhos de que pôde encarregar-se. Dizer que é forte, desenvolvida.

Minha Senhora,

Tenho a honra de appellar para sua bondade, pedindo-lhe me conceda um logar na casa commercial que dirige.

Tenho quatorze annos e móro com meu pae que é operario á rua... nº...

Possuo um certificado de exames finaes e ha dous mezes apenas que abandonei a escola.

Sou a mais velha dos filhos e, como meus paes se acham em situação precaria, desejo ardentemente encontrar uma collocação algum tanto remunerada para vir em auxilio delles.

Sempre obtive os primeiros premios de Arithmetica na escola e tenho algumas noções de escripturação mercantil.

Além disso, sou desenvolvida e alta para minha idade e gozo de excellente saude.

Si a senhora achar que lhe posso prestar algum serviço, tenha a bondade de levar em consideração o meu pedido e empregar-me em seus armazens como ajudante de guarda-livros ou como caixa.

Não me faltam coragem e boa vontade e estou prompta a acceitar qualquer trabalho.

Fique certa de que, si eu lograr a felicidade de entrar para sua casa, nunca terá a Senhora oportunidade de reprehender-me; esforçar-me-ei, por meu bom comportamento e applicação, por merecer sua confiança e testemunhar-lhe minha gratidão.

Queira acceitar, minha Senhora, as homenagens de meu profundo respeito.

Z.

o cemiterio, á entrada do templo, as cruces de madeira, o capim que cresce sobre os tumulos; o interior da egreja, a simplicidade dos ornamentos, a solidão da nave, onde se vê apenas uma senhora idosa a rezar.

A vista desse templo rustico inspira sentimentos mais religiosos que as mais amplas e ricas egrejas da cidade.

## DESENVOLVIMENTO

E' um templo rustico construido no alto de uma collina e rodeado de velhas arvores, suas contemporaneas; eleva-se a torre acima das arvores, destacando num céo limpido e puro.

No recinto funebre que contorna o templo nenhum monumento nos attrae o olhar; o capim recobriu o tumulo do lavrador que já não fará a colheita e algumas cruces de madeira, muito fracas, que não escaparão ao primeiro temporal, attestam as perdas mais recentes do povoado.

Está aberta a porta da egreja que está vasia: não é hora de oração e todos os camponeses se entregam a suas occupações habituaes.

No emtanto, uma mulher prostrada ora sózinha atraz de uma columna. Velha e pobre, tem direito á compaixão e ao respeito: sob o vestuario mais grosseiro, na mais humilde posição social, a velhice imprime na frente do homem um caracter sagrado.

Que pedirá essa mulher com tanto fervor? Será a vida de um filho doente ou a salvação do marido morto outr'ora na guerra? Seja qual for o motivo de sua prece, a presença dessa pobre mulher parece augmentar a santidade do logar, e esses muros ennegrecidos, despido de qualquer obra—prima, essa imagem da Virgem rusticamente esculpida, esses altares de madeira sem outro ornamento a não ser uma cruz de madeira adornada de flores frescas e viçosas, inspiram um sentimento religioso mais recolhido e profundo que os templos mais guarnecidos e as mais grandiosas basilicas.

## ENSINO SCIENTIFICO

## ARITHMETICA

## 4º ANNO

Vimos em nossas ultimas lições como resolver o 1º problema proposto nas questões de divisibilidade dos numeros: determinar rapidamente, em virtude de caracteres apresentados pelos proprios numeros, se são ou não divisíveis por certos numeros. Vejamos agora como resolver tambem rapidamente o 2º: no caso de não ser o numero dado divisível por certo outro tambem dado, determinar o valor do resto sem effectuar a divisão.

— Divisor 2: Já sabemos ha muito que o resto é sempre inferior ao divisor, pois que — elle representa *o que resta do dividendo depois de se lhe ter subtraído o divisor tantas vezes quantas fôr possível*. Ora, sendo assim, um resto igual ao divisor ou maior do que elle, indica simplesmente estar errada a divisão: ainda seria possível tirar do dividendo uma ou mais vezes o divisor. D'ahi concluir-se que o resto da divisão de um numero por 2 só pôde ser 1. Ainda mais: A condição de divisibilidade por 2 está ligada ao algarismo escripto na 1ª ordem á direita; se elle fôr zero ou fôr par, o numero dado é divisível por 2; mas se não fôr par é forçosamente impar, e como todo o numero impar, á excepção da propria unidade, é igual a um numero par mais uma unidade, o resto da divisão de um numero impar por 2 é sempre a unidade.

— Divisor 5: — A condição de divisibilidade por 5 depende de ser zero ou 5 o algarismo escripto na 1ª ordem; logo, o resto da divisão por 5, desde que o numero considerado não seja multiplo de 5, é forçosamente o resto da divisão das unidades de 1ª ordem por 5. Assim, se o 1º algarismo á direita fôr inferior a 5, elle proprio constitue o resto da divisão do numero dado por 5; se lhe fôr superior, é evidente que a diferença entre o valor d'esse algarismo e o divisor 5 constituirá o resto procurado. Exs.: 934, 6742, 538.

— O resto da divisão de 934 por 5 é 4: as 93 dezenas constituem um multiplo de 5 e restam 4 unidades que não permitem que o numero dado contenha mais uma vez 5.

— O resto da divisão de 6742 por 5 é 2, por motivo analogo ao do exemplo anterior.

— O resto da divisão de 538 por 5 é o resto da divisão de 8 por 5 ou 3; e como não ha numero simples que contenha 5 nem sequer 2 vezes, é evidente que o resto será a diferença entre o algarismo das unidades e 5. No exemplo tomado teremos  $8-5=3$ .

— Divisor  $2^2=4$ : A condição de divisibilidade por 4 está ligada aos dous ultimos algarismos á direita do numero dado: se elles representarem numero multiplo de 4, o numero dado será divisível por 4, pois que as centenas constituem sempre um multiplo de 4; conclue-se pois que o resto da divisão de um numero por 4 só pôde provir da divisão do numero constituído pelas duas ultimas ordens á direita por 4.

Assim, dado o numero 82467 por exemplo, podemos afirmar de prompto: 1º, não é multiplo de 4; 2º, o resto da sua divisão por 4 é o resto da divisão de 67 por 4: é 3.

— Divisor  $5^2=25$ : Sabendo-se que as centenas constituem sempre um multiplo de 25, e que por isso basta considerar o numero formado pelas dezenas e unidades para se determinar se um numero dado é ou não multiplo de 25, conclue-se que o resto da divisão por 25 é o resto da divisão do numero formado pelas duas ultimas ordens á direita por 25.

Assim, o numero 58492 não é multiplo de 25; e o resto da divisão é o da divisão de 92 por 25: é 17.

Observação. D'entre os multiplos de 25 só se escrevem com duas ordens de unidades os numeros 25, 50 e 75, que correspondem ao producto de 25 por 1, por 2 e por 3; o producto de 25 por 4 já constitue uma centena.

Assim, não ha duvida: os multiplos de 25 terminam em 25, 50, 75 ou dous zeros.



# Procure curar-se e fortalecer-se

Os productos do Laboratorio Nutrotherapico DR. RAUL LEITE & Cia. (RIO) resolvem difficuldades clinicas



grs.; de cacau, 2,0 grs.: iodo assimilavel, 0,009 ctg.; lacto phosphato de calcio, 0,03 ctg.; methylarsinato de sodio 0,037 mil. nucleinato de sodio 0,05 ctg.; extractos vitaminosos, 0,50 ctg.

### Lactargyl:

(Especifico infantil). Lactato neutro de hydragrio e extractos vitaminosos. Notavel toni-purificador do sangue. Unico no genero no Brasil.

### Tonico infantil:

(Sem alcool). Poderoso reconstituinte das creanças e unico no genero. Cada colher de café contém: iodo assimilavel, 0,009 m.; tannino em combinação 0,018 m.; glycero-phosphato de calcio, 0,09 ct.; methylarsinato de sodio 0,009 m., nucleinato de sodio, 0,005 mil. extractos vitaminosos, 0,25 c.

### Lacto Vermil:

Polyvermicida de notavel efficacia, curando com uma só medicação 90% dos casos, contra 30% que se consegue com os vermifugos communs. Adoptado pelo Dep. Nac. de Saude Publica. Optimo paladar e verdadeiro ideal para crianças e adultos. Todos devem experimentar-o; no Brasil, 70% da população tem vermes. Toma-se conformes indicação no vidro.

### Purgoleite:

(Pastilhas). Admiravel e eficaz purgativo ou laxante para adulto. Tem sabor de confeito e não habitua o organismo.

### Nutramina:

(Aminas da nutrição). Farinha fresca polyvitaminosa e do crescimento, mineralisadora dos tecidos, calcificante dos ossos e estimulante do appetite.

### Crema infantil:

(Em pó dextrinisado). 12 variedades, com digestão quasi feita. Os pacotes são acompanhados de conselhos muito uteis sobre regimen e hygiene.

### Ca-zeon:

(Em experimentação). Caseinato phosphocalcico. Poderoso alimento e medicamento para diarrheas de origem alimentar.

### Guarana:

(Comprimidos). Base guaranina de guaraná. Cura ou allivia em poucos minutos qualquer dor, enxaquecas, etc., aborta a gripe, resfriados, etc., e é tonico do coração, ao contrario dos similares que são depressivos. — Tome um ou dois comprimidos.

### Amina-zim:

Extractos vitaminosos da cenoura, cevada, germinada, etc. Poderoso tonico estimulante da nutrição. Unico desta classe no Brasil.

### Laxo purgativo infantil:

Base manita (do maná). Unico no genero para creanças, é eficaz, tem sabor de assucar e não habitua o organismo.

### Guaranil:

Tonico poderoso, estomachico, hematogenico, de inegavel superioridade sobre os existentes, devido á sua acção anti-toxica e estimulante intestinal. Cada colher das de sopa contém: Tintura concentrada de guaraná, 2,0 grs.; de kola, 2,0

**LEITE INFANTIL — FABRICA EM S. PAULO E RIO  
A VENDA EM TODO O BRASIL**

## HEITOR RIBEIRO & C.

Papelaria — Artigos para Escriptorio e Desenho  
Papel e Livros em branco

Typographia, Lythographia, Pautação e  
Encadernação

R. da Quitanda, 88, 90, 92

Officinas: R. do Rosario, 87

Telephone Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEBO RIO DE JANEIRO

Os professores gozarão de abatimento

## VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes

Camisaria - Gravataria Roupas

feitas Tecidos de lã e algodão

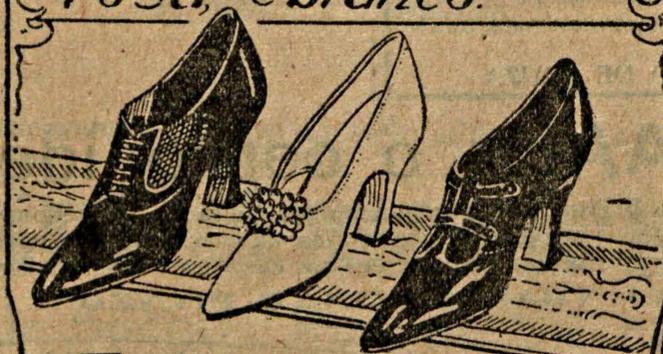
35, RUA DOS OURIVES, 35

RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio

## CASA DO BASTUS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações  
em bufalo branco, Vermiz,  
e pellicas de cores, setim,  
rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -  
Tecem Catalogos

## UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 407, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes — RUA ARISTIDES LOBO, 94 e 96

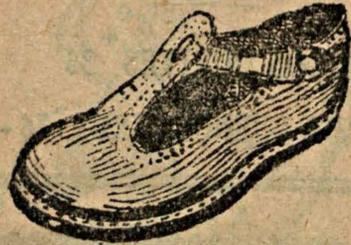
Escriptorio RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412

## CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

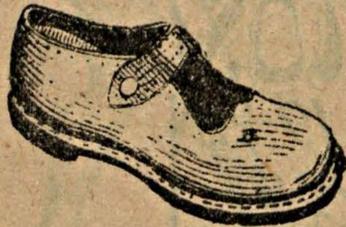
Avenida Passos, 120  
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26..... 4\$000  
De 27 a 32..... 5\$000  
De 33 a 40..... 6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26..... 4\$500  
De 27 a 32..... 5\$500  
De 33 a 40..... 7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhamé, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistência á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhamé Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

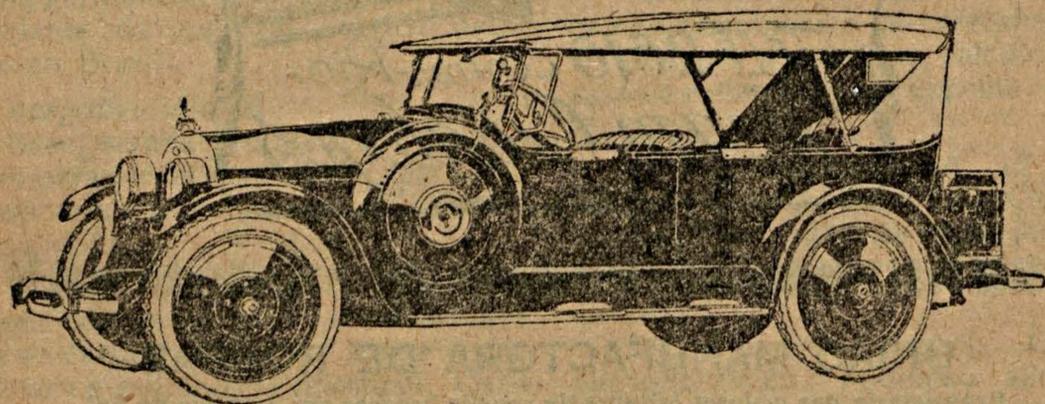
**Depura - Fortalece - Engorda**



## «NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia. O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDAS A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

# “SUL AMERICA”

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Fundada em 1895

Do accordo com os algarismos de seu ultimo balanço em 31 de Março de 1923

Receita do exercício.....	24.000 contos de réis
Fundos de Garantia.....	66.000 contos de réis
Seguros em vigor mais de.....	364.000 contos de réis

Total pago a segurados e beneficiarios, até 31 de Outubro de 1923

## Rs. 95.500:000\$000

Os novos seguros solicitados de 1 de Abril a 31 de Outubro de 1923

## Elevam-se a mais de 86.500;000\$000

O que prova a grande acceitação que continua a merecer do publico a Companhia

Peçam prospectos e informações sobre as modernas apolices da

## “Sul America”

Sède Social: Rua do Ouvidor

Durante a construcção da Casa Matriz — Rua Bithencourt da Silva n. 13

RIO DE JANEIRO

Agencias e Agentes em todo o Brasil

Para seguros maritimos e terrestres, recommendamos a

COMPANHIA ANGLO SUL-AMERICANA

que mais solidos elementos de garantia offereçe

RUA DO OUVIDOR N. 64 — (1º e 2º andares)

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$600
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECCÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complementar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil